DOI: 10.00000/Territoriov1i1.xxxx

TERRITÓRIO E PLANEJAMENTO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial da UEFS

e-ISSN 0101-0000

Volume 1 N. 1 - Nov. 2026

ARTIGO

Produção de Espaços Democráticos e Participativos no Trabalho Associado: um estudo sobre o Grupo Cantinho da Roça, espaço de alimentação na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Creating Democratic and Participatory Spaces in Associated Work: A Study of the Cantinho da Roça Group, a Food Service Space at the State University of Feira de Santana (UEFS)

José Raimundo Oliveira Lima
Doutor e pós-doutor em Educação e Contemporaneidade (UNEB). Docente da UEFS/PLANTERR, zeraimundo@uefs.br

Aline Santana de Andrade
Graduanda em Ciências Econômicas (UEFS). Bolsista da Incubadora (IEPS/UEFS), alinesan456@gmail.com

Cláudia Lopes Silva
Graduanda em Ciências Econômicas (UEFS), claudialopes2803@gmail.com

Kamile Oliveira Santos
Graduanda em Ciências Econômicas (UEFS), kamilesantos201@gmail.com

Sueide Santana Linhares
Graduanda em Ciências Econômicas (UEFS), suhsantana0718@gmail.com

Resumo

Este artigo analisa as atividades desenvolvidas pelo Grupo Cantinho da Roça no âmbito do Projeto Cantina Solidária da Incubadora de Iniciativas de Economia Popular e Solidária da Universidade Estadual de Feira de Santana (IEPS-UEFS). O Grupo, oriundo das comunidades rurais de Alto dos Santos e Vila Feliz, desenvolve atividades de alimentação saudável na Cantina do Módulo VII da UEFS. Nesse sentido, a pesquisa compreende que a Cantina é um espaço de convivência, trabalho coletivo e participação no cotidiano universitário que não se limita à comercialização de alimentos, mas articula relações de acolhimento, proximidade, pertencimento e circulação de saberes entre os sujeitos que frequentam o espaço. Metodologicamente, adotou-se uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, com aplicação de questionários semiestruturados aos frequentadores da Cantina, aos integrantes do Grupo e aos representantes da IEPS-UEFS. A análise dialoga com os conceitos de Produção Social do Espaço, Território, Economia Popular e Solidária e Economia Feminista, considerando especialmente o trabalho de mulheres oriundas de comunidades populares rurais. Os resultados indicam que as atividades do Grupo Cantinho da Roça ultrapassam a função econômica imediata e funcionam como espaço de sociabilidade, cooperação, geração de renda, autonomia feminina e fortalecimento de vínculos entre Universidade e Comunidade. Conclui-se que o comportamento do Grupo, após três semestres do processo de incubação, conforma a perspectiva da Economia Popular e Solidária como economia das diversas dimensões da vida, mostrando resultados nas dimensões econômicas e de sustentabilidade como proposta de política pública, bem como aprendizados sólidos em parti-cipação social e gestão democrática.

Palavras-chave: Cantina Cantinho da Roça; Economia Popular e Solidária (EPS); Economia Feminista; Território; Sociabilidade.

Abstract

This article analyzes the activities developed by the Cantinho da Roça Group within the scope of the Solidarity Canteen Project of the Incubator of Popular and Solidarity Economy Initiatives at the State University of Feira de Santana (IEPS-UEFS). Originating from the rural communities of Alto dos Santos and Vila Feliz, the Group develops healthy food activities at the Canteen in Module VII of UEFS. In this sense, the research understands that the Canteen is a space for coexistence, collective work, and participation in university daily life that goes beyond food commercialization, articulating relations of hospitality, proximity, a sense of belonging, and the circulation of knowledge among the individuals who frequent the space. Methodologically, a qualitative, exploratory, and descriptive approach was adopted, involving the application of semi-structured questionnaires to Canteen patrons, Group members, and IEPS-UEFS representatives. The analysis dialogues with the concepts of Social Production of Space, Territory, Popular and Solidarity Economy, and Feminist Economy, paying special attention to the work of women from rural popular communities. The results indicate that the activities of the Cantinho da Roça Group go beyond the immediate economic function, operating as a space for sociability, cooperation, income generation, female autonomy, and the strengthening of ties between the University and the Community. It is concluded that the Group's behavior, after three semesters of the incubation process, confirms the perspective of the Popular and Solidarity Economy as an economy of the diverse dimensions of life, showing results in the economic and sustainability dimensions as a public policy proposal, as well as solid learnings in social participation and democratic management.

Keywords: Cantinho da Roça Canteen; Popular and Solidarity Economy (PSE); Feminist Economy; Territory; Sociability.

1 INTRODUÇÃO

A universidade é um espaço de formação, circulação de conhecimento e convivência social. Embora seja frequentemente associada às salas de aula, bibliotecas e laboratórios, seu cotidiano também é construído em lugares simples, nos quais estudantes, professores, trabalhadores e demais frequentadores se encontram, conversam, se alimentam e compartilham experiências. Nesse contexto, o Projeto da Cantina Solidária desenvolvido pelo Grupo Cantinho da Roça no âmbito da Incubadora de Economia Popular e Solidária da Universidade Estadual de Feira de Santana (IEPS-UEFS), apresenta-se como objeto relevante de investigação.

Dessa forma, a Cantina do Módulo VII da UEFS, espaço de alimentação ocupado pelo Grupo Cantinho da Roça, é analisada não apenas como ponto de venda de alimentos, mas como espaço produzido pelas relações sociais que se desenvolvem em seu cotidiano. A presença das trabalhadoras, a circulação dos frequentadores, o atendimento, a produção dos alimentos e os vínculos criados ao redor desse ambiente permitem observar a Cantina como parte da dinâmica social da Universidade.

Nesse sentido, as reflexões aqui desenvolvidas partem da compreensão de que o espaço não é apenas uma estrutura física ou um local previamente dado, mas um ambiente construído a partir das relações pessoais, sociais e institucionais entre os indivíduos que o constituem. Nessa perspectiva, a Cantina Cantinho da Roça pode ser compreendida como um espaço vívido que ganha significado pelas experiências que ali se formam.

Ademais, destacam-se as relações entre Universidade e Comunidade a partir de iniciativas de Pesquisa e Extensão Universitária alinhadas aos princípios da Economia Popular e Solidária no âmbito da IEPS-UEFS. Dessa forma, a discussão aqui proposta contempla a dimensão pedagógica do trabalho associado nos espaços de comercialização de alimentos a partir da necessidade ou viabilidade socioeconômica dos grupos solidários em processo de trabalho associado.

Para Andrade (2020), ambientes como a Cantina Cantinho da Roça podem reunir dimensões econômicas, culturais, sociais e simbólicas, tornando-se referências de identidade e convivência. Araújo e Ribeiro (2018) também observam que espaços de comercialização de alimentos, além de sua função econômica, podem produzir sociabilidade, relações de proximidade e vínculos territoriais. Embora o Cantinho da Roça tenha características próprias, as contribuições de Andrade (2020) e Araújo e Ribeiro (2018) ajudam a compreender como a alimentação pode funcionar como prática social e ponto de encontro.

No que concerne à organização do trabalho desenvolvido pelas integrantes da Cantina, as respostas coletadas indicam experiências anteriores com associações comunitárias, produção de alimentos e atividades coletivas. Também apontam que a divisão das tarefas ocorre conforme as habilidades de cada integrante, havendo diálogo, reunião e debate para organizar o funcionamento do espaço e resolver divergências internas. Esses elementos aproximam a experiência da Cantina Cantinho da Roça das discussões sobre Economia Popular e Solidária, especialmente no que se refere à cooperação, à participação e ao fortalecimento do trabalho coletivo nas diversas dimensões da vida.

Este artigo tem como problema de pesquisa a seguinte questão: de que maneira o Projeto da Cantina Solidária Cantinho da Roça contribui para a produção de espaços democráticos e participativos no cotidiano universitário? Dessa forma, o objetivo geral é analisar de que forma as relações estabelecidas pelo Grupo Cantinho da Roça na Cantina do Módulo VII da UEFS contribuem para a constituição de um espaço de convivência, pertencimento e participação.

Quanto aos aspectos metodológicos, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo do tipo estudo de caso. No decurso da investigação, foram aplicados questionários semiestruturados aos frequentadores do espaço Cantina, às integrantes do Grupo Cantinho da Roça e a uma representante da IEPS-UEFS. Os questionários foram construídos a partir das temáticas problematizadas na disciplina CIS-506 – Economia Popular e Solidária do Curso de Ciências Econômicas da UEFS e no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Economia Popular e Solidária e Desenvolvimento Local (GEPOSDEL), durante o primeiro semestre 2026.

A relevância do estudo reside na compreensão de como um espaço cotidiano de alimentação pode revelar dimensões importantes da vida universitária a partir de aspectos como trabalho, renda, cooperação, relações democráticas, acolhimento, pertencimento e participação. No que concerne à organização, além desta Introdução, das Considerações finais e das Referências, este trabalho é composto pelas seções 2 Discussões, reflexões e algumas inferências; 3 Mulheres, Trabalho e Autonomia na Cantina Cantinho da Roça e 4 Pertencimento, Território e Participação no Espaço Universitário.

2 Discussões, reflexões e algumas inferências

Esta seção aborda e analisa, a partir dos conceitos e categorias que aprestam sustentação teórica à discussão do processo de incubação do Grupo Cantinho da Roça na IEPS-UEFS, as respostas do questionário aplicado aos frequentadores da Cantina. Com base no mesmo instrumento, são apresentadas algumas inferências sobre a prática do grupo solidário em processo de trabalho associado, considerando os princípios da Economia Popular e Solidária (EPS).

A análise das respostas dos frequentadores ao questionário permite compreender que a Cantina Cantinho da Roça ocupa um lugar significativo no cotidiano do Módulo VII da UEFS. Ao serem questionados sobre o que mais chama atenção na Cantina em comparação com outros espaços de alimentação da Universidade, os participantes destacaram aspectos como a qualidade dos alimentos, o atendimento, o tratamento recebido e a forma como o espaço se apresenta aos consumidores. Esses elementos indicam que a Cantina não é percebida apenas pela sua função prática de venda de alimentos, mas também pela experiência social e aconchegante que proporciona.

Essa percepção dialoga com a compreensão de que o espaço não é apenas uma estrutura física, mas resultado das relações sociais que nele se desenvolvem. Nesse sentido, Godoy (2014) sustenta que o espaço é produzido pelas relações sociais e pelas formas de organização da vida produtiva. Essa ideia é relevante para a análise da Cantinho da Roça, pois permite compreender a Cantina não somente como um ponto localizado no Módulo VII, mas como um espaço produzido pelas conversas, pelo atendimento, pela circulação dos estudantes, pela presença das trabalhadoras e pelas práticas cotidianas de convivência:

> Se o espaço é um produto social, ele também é, portanto, produto das relações sociais de produção, orientadas por uma forma determinada de economia. Tal modo de produção organiza a força de trabalho, determina a distribuição dos meios de produção e da riqueza produzida. Assim, ele produz o espaço que condicionará a reprodução das relações sociais que o movem. Se o modo de produção caracteriza um estágio histórico de desenvolvimento, ele, por sua vez, também caracteriza uma forma de produção social do espaço, promovida pelas relações sociais que o constituem (Godoy, 2014, p. 261).

Essa reflexão contribui para interpretar as respostas dos frequentadores que destacaram a qualidade dos alimentos e o tratamento recebido na Cantina. Na Cantinho da Roça, o alimento aparece como resultado de um trabalho integral, reconhecido pelos consumidores, e não apenas como mercadoria. O modo como o produto é oferecido, o contato direto com as integrantes do Grupo Cantinho da Roça e a percepção de cuidado no atendimento ajudam a construir uma relação de proximidade entre o espaço e seus frequentadores.

Também é possível aproximar essa análise da discussão de Andrade (2020), para quem espaços populares de comercialização podem reunir dimensões econômicas, sociais, culturais e simbólicas. Ainda que a autora trate da feira de Campina Grande, sua contribuição permite pensar que determinados espaços ganham relevância especial quando passam a compor a rotina e a memória das pessoas que os frequentam. No caso da Cantinho da Roça, essa dimensão aparece quando os participantes indicam que o espaço se diferencia de outros pontos de alimentação da Universidade não apenas pelo produto, mas pela forma de acolhimento e convivência.

Outro aspecto relevante diz respeito aos preços. Algumas respostas apontaram que os valores são considerados acessíveis, enquanto outras indicaram que poderiam ser mais baixos para alcançar um número maior de estudantes. Entretanto, os frequentadores percebem que esses preços são abertos quanto às suas composições. Esse dado revela uma tensão própria de iniciativas populares: ao mesmo tempo em que buscam oferecer produtos com qualidade e preços justos, também precisam garantir a sustentabilidade econômica do trabalho realizado. Portanto, a questão dos preços não deve ser analisada de forma isolada, mas dentro da realidade de uma experiência que envolve produção de alimentos, geração de renda e sustentabilidade da iniciativa, além da clareza sobre o processo de trabalho implicado no produto e no preço.

As respostas também indicam que parte dos frequentadores percebe a existência de cooperação entre os integrantes da Cantina. Foram mencionados aspectos como divisão de tarefas, diálogo, organização no atendimento e ajuda mútua no cotidiano do trabalho. Essa percepção é importante porque permite compreender que o público não observa apenas o produto final, mas também a forma como o trabalho é realizado. A Cantina, nesse sentido, passa a ser vista como um espaço em que a atividade econômica se articula a práticas coletivas, entre outras possibilidades.

Essa dimensão aproxima a experiência do Cantinho da Roça da Economia Popular e Solidária, uma economia de pessoas e da produção associada. Godoy (2014) destaca que iniciativas desse campo podem produzir relações espaciais diferenciadas quando se organizam a partir da autogestão, da solidariedade e da vida coletiva. No caso da Cantinho da Roça, trata-se de um espaço em que o trabalho das integrantes, a relação com os consumidores e o uso cotidiano do ambiente contribuem para a produção de uma espacialidade própria dentro da Universidade.

Por outro lado, os questionários permitem inferir que nem todos os frequentadores conhecem a vinculação da Cantina à Economia Popular e Solidária. Essa inferência aponta um limite importante: embora a experiência seja percebida positivamente, sua identidade social e institucional ainda pode ser mais – e melhor – divulgada no ambiente universitário. A ampliação dessa comunicação pode fortalecer o reconhecimento da Cantinho da Roça como uma iniciativa Coletiva, Popular e Solidária, aproximando ainda mais a comunidade universitária dos princípios que orientam o Projeto.

Um dos dados mais expressivos a esse respeito aparece nas respostas sobre a importância da Cantina Solidária no cotidiano da UEFS. Alguns participantes destacaram que a existência da Cantina torna o espaço universitário mais humano, representativo e cooperativo. Também foi mencionada a importância da abertura de lugar de participação para mulheres na economia e no sustento da família. Essas respostas indicam que a Cantina é percebida por parte dos frequentadores como uma iniciativa que ultrapassa a função alimentar e assume dimensão social e feminina do espaço.

Nesse sentido, a Cantinho da Roça pode ser compreendida como um espaço de convivência, mas também de reconhecimento. O atendimento, os alimentos, a cooperação observada e a presença de mulheres trabalhadoras oriundas de comunidades populares rurais fazem com que a Cantina participe da construção do cotidiano do Módulo VII. Dessa forma, ela não apenas atende a uma necessidade de alimentação, mas também contribui para tornar o ambiente universitário mais próximo de experiências populares e comunitárias.

A noção de território discutida por Godoy (2014) também ajuda a compreender essa dimensão das relações de proximidade. Segundo a autora, na Economia Popular e Solidária, o território está relacionado à vivência, ao cotidiano, à cultura local e à construção de identidades. Essa compreensão permite pensar a Cantina como espaço que articula a Universidade e as comunidades de origem das trabalhadoras, criando um ponto de encontro entre diferentes trajetórias sociais:

> O território, para o movimento de Economia Solidária, significa a instância de construção das identidades que têm como valor o reconhecimento da vivência, do cotidiano e da cultura local. O território, portanto, não é uma imposição espacial que define limites, que diferencia espaços de poder, seja ele político ou econômico. Agregar solidariedades para desenvolver uma economia centrada no trabalho e na reprodução social é a proposta de produção de novos espaços econômicos e democráticos (Godoy, 2014, p. 265).

A partir dessa leitura, a Cantinho da Roça pode ser vista como espaço de pertencimento em construção, já que o processo de incubação previsto é de quatro anos e a iniciativa está no seu segundo ano de trabalho. Até o momento, o que se pode perceber é que seu sentido não está dado apenas pela localização no espaço físico do Módulo VII, mas pelas relações que estão se formando entre trabalhadoras, estudantes e demais frequentadores. A Cantina tem articulado e aproximado alimentação, trabalho, renda, acolhimento e convivência, elementos que ajudam a produzir um espaço socialmente referenciado e significativo dentro da Universidade.

Nesse sentido, as respostas ao questionário indicam que a Cantina Cantinho da Roça é percebida pelos frequentadores como um espaço de acolhimento, proximidade e cooperação, ainda que existam desafios, como a acessibilidade dos preços. No entanto, no que concerne às relações que produz, a Cantina contribui para tornar o espaço universitário mais humano, participativo e identificado com suas relações comunitárias.

3 Mulheres, trabalho e autonomia na cantina Cantinho da Roça

Sob a perspectiva da participação feminina, do trabalho coletivo, da Economia Popular e Solidária (EPS) e da função social da Cantina Cantinho da Roça, pode-se dizer que a EPS surge em um cenário de transformações sociais, econômicas e relacionais. Esse movimento traz luz a organizações anteriormente pouco vislumbradas, como associações, cooperativas e formas coletivas de organização formal, bem como ao papel das mulheres nessas iniciativas.

Em referência à ideia do Trabalho Associativo e à Economia Solidária em contextos reais, Leite (2009) é cautelosa ao ressalvar que as experiências coletivas de trabalho não devem ser idealizadas, mas analisadas em suas potencialidades e limites. Nesse sentido, a autora destaca que:

> A economia solidária tem como especificidade combinar dinâmicas de iniciativas privadas com propósitos centrados não no lucro, mas no interesse coletivo. A razão econômica é acompanhada por uma finalidade social que consiste em produzir vínculos sociais e solidários, baseados numa solidariedade de proximidade; o auxílio mútuo e a reciprocidade estariam, assim, no âmago da ação (Leite, 2009, p. 34).

Essa concepção dialoga justamente com a proposta do Projeto desenvolvido pelo Grupo Cantinho da Roça, uma vez que o trabalho realizado por essas mulheres tem como objetivo principal a geração de independência – não apenas financeira, mas também social. A ideia é criar espaços seguros de participação e inclusão que gerem proximidade entre a comunidade acadêmica e grupos inseridos em contextos de vulnerabilidade socioeconômica.

Concomitantemente a essa compreensão, observa-se que as iniciativas populares contribuem para a geração de renda, autonomia coletiva e fortalecimento das relações interpessoais entre os sujeitos envolvidos. Portanto, torna-se fundamental compreender os pilares básicos que constituem a funcionalidade autogestionária e democrática a partir dos fundamentos de uma Economia Feminista e da Economia Popular e Solidária de modo a valorizar os Saberes Comunitários, a Agricultura Familiar, as práticas dos Quintais Produtivos e a Agroecologia.

No que concerne à percepção do trabalho coletivo, destaca-se o entendimento da comunidade sobre a dinâmica interna da Cantina, especialmente dos aspectos relacionados às práticas autogestionárias adotadas em seu funcionamento. A Cantina, ao contrapor-se aos ambientes verticalmente organizados presentes nos mercados capitalistas que utilizam o trabalhador como ferramenta, adota uma forma de organização do trabalho no qual as trabalhadoras são essenciais para o funcionamento qualitativo e participativo, promovendo assim a valorização humana e a horizontalidade nas tomadas de decisão que sustentam o projeto coletivo.

Nesse sentido, os dados obtidos apontaram que a quase totalidade dos frequentadores percebe a existência de uma organização coletiva no espaço: aspecto mencionado por 7 dos 8 entrevistados. Além disso, 6 frequentadores associaram diretamente o trabalho desempenhado na Cantina a práticas de cooperação, enquanto a totalidade absoluta dos entrevistados (8/8) visualiza uma contribuição real da Economia Popular e Solidária para o ambiente universitário.

A Cantinho da Roça, portanto, não é um serviço de alimentação fornecido pela Universidade, mas um processo educativo de trabalho. Nesse sentido, a Cantina funciona como um espaço pedagógico que colabora para a formação dos estudantes universitários. Trata-se de uma iniciativa solidária que colabora para que comunidade acadêmica interna e externa da UEFS conheça e compreenda, na prática, as diferentes formas coletivas de trabalho.

As respostas do questionário aplicado às integrantes do Grupo Cantinho da roça confirmam a percepção dos frequentadores acerca da organização do trabalho na Cantina. Ao afirmarem que a divisão de tarefas é totalmente decidida e combinada em grupo levando em consideração as habilidades individuais e a identificação de cada uma com as funções propostas, as trabalhadoras confirmaram que os princípios de autonomia, coletividade e autogestão que caracterizam a EPS estão presentes na dinâmica de organização do trabalho na Cantina.

Essa organização horizontal, característica da autogestão, foi reforçada pelas falas das trabalhadoras, que destacaram que “todas as iniciativas são passadas para o grupo para que todas tenham suas opiniões”. A importância da gestão relacional no ambiente da Cantina também foi destacada nas falas das integrantes do Grupo, que ressaltaram o respeito às divergências que podem acontecer durante os turnos, reforçando, portanto, a importância e a presença de um processo decisório democrático em que ficou esclarecido pelas mulheres: “no final, sempre chegamos a um acordo”.

A Cantina Solidária evidencia a importância do papel feminino na Economia Popular e Solidária, visto que muitas dessas mulheres passam não apenas a contribuir na geração de renda de seus próprios lares, como também a transmitir saberes anteriormente pouco difundidos. O trabalho realizado em conjunto por elas remete não apenas à ancestralidade, mas também ao empoderamento e à valorização dos produtos feitos sob a ótica e o cuidado das integrantes das comunidades locais e quilombolas.

A partir dessa perspectiva, Costa e Opuszka (2013) reforçam que, independentemente dos discursos contrários a essas organizações coletivas, elas continuam desempenhando um papel importante na sociedade e atuando como formas de resistência:

> Assim sendo, ainda que diversos autores defendam a manutenção do modo de organização cooperado ou associado não representar uma resistência ao modo de produção capitalista, até mesmo por estar inserido nele, não se pode negar a contribuição para o resgate da cidadania, retomada dos Movimentos Sociais como forma de resistência, discussão e espaço de construção de uma autonomia coletiva, uma autodeterminação de suas intervenções na sociedade e especialmente na comunidade em que vivem. (Costa; Opuszka, 2013, p. 166).

Tal argumento reforça a importância de iniciativas solidárias como o Grupo Cantinho da Roça, tanto pelo resgate do convívio social democrático quanto pela valorização dos conhecimentos prévios e da potência feminina – dimensões frequentemente marginalizadas nos modos tradicionais de produção capitalista. Nesse sentido, o Grupo vai muito além do trabalho em seu sentido abstrato, constituindo-se como espaço de aprendizado, processo político-educativo, socialização e vivência em sua plenitude. Por fim, diante de todos os aspectos observados no que tange à sua função social, as análises revelam que, para além da comercialização de alimentos, a iniciativa atua de forma transversal na vida dessas mulheres e das comunidades a que pertencem.

Essa iniciativa da Economia Popular e Solidária engaja-se tanto como meio de geração de trabalho e renda quanto como forma de autonomia e participação feminina ativa, destacando a economia feminista e evidenciando o potencial e o protagonismo das mulheres em uma *outra economia* – descrita por Lima (2026) como a "economia das diversas dimensões da vida" –, bem como na produção de espaços participativos e representativos, distanciando-se da subserviência e da inferioridade presentes na precarização oriunda do trabalho na economia capitalista de mercado. Portanto, a autonomia do Grupo Cantinho da Roça proporciona não só o aprendizado multidisciplinar nesses grupos incubados, conforme apontado pela integrante da IEPS/UEFS, mas também a independência feminina por meio da coletividade, da democracia e dos saberes populares, transformando a cantina em um espaço de resistência e emancipação dentro e fora da universidade.

4 Pertencimento, território e participação no espaço universitário

Godoy (2014) afirma que a Economia Popular e Solidária atua como uma produtora das relações socioespaciais. Considerando o espaço como um produto social resultante das relações sociais de produção, a autora analisa a reprodução do espaço através das relações sociais solidárias, que surgem em contraposição à lógica hegemônica do capitalismo. Em conformidade com a estudiosa, este trabalho compreende que o espaço é produto das relações sociais estabelecidas entre os indivíduos para se apropriar da natureza através do trabalho, sendo também a condição de reprodução dessas mesmas relações.

No tocante ao mercado de trabalho, o Brasil ainda apresenta muitos mecanismos discriminatórios contra a mulher, os quais levarão décadas para serem superados. Nesse sentido, Lima (2026) aduz que, devido às relações desiguais de gênero ainda bastante preservadas na zona rural e especialmente na região Nordeste, a inserção da mulher em ações coletivas de cunho público e político enfrenta limitações históricas; contudo, essa participação tem ganhado relevância nas discussões sobre políticas públicas.

Nesse contexto, a Economia Popular e Solidária tem se mostrado uma resposta importante para a geração de trabalho e renda para mulheres, especialmente em virtude da combinação de princípios de autogestão, cooperação e solidariedade e por meio da produção de redes de produção e trabalho associado (cooperativas, associações, grupos solidários informais) que valorizam os saberes e a matéria-prima regional.

Nas Comunidades Quilombolas, reconhecidas como grupos étnico-raciais definidos pela autodeclaração e pela ancestralidade negra ligada à resistência contra a escravidão (Brasil, 2003), as marcas do racismo estrutural, da desigualdade econômica e da exclusão territorial são ainda mais evidentes. Nesse sentido, as falas de mulheres relacionadas a essas comunidades são especialmente significativas. Como observa Arruti (2006, p. 81), as comunidades quilombolas contemporâneas ressignificam sua própria existência histórica, pois "[...] o termo quilombo deixa de designar um tipo de assentamento histórico isolado para se tornar uma categoria de identificação étnica e política, associada à luta pelo acesso à terra, à cidadania e ao reconhecimento cultural".

Essa forma de ver as Comunidades Quilombolas é resultado de um processo histórico de lutas e resistência. Assim, os quilombos contemporâneos representam não apenas espaços geográficos, mas territórios de preservação cultural, resistência política e reivindicação de direitos que dialogam diretamente com a estrutura universitária. Nesse sentido, a integrante da IEPS chama a atenção para esses grupos, tendo em vista as discussões desenvolvidas em processo de incubação anterior, forjado na perspectiva das mulheres quilombolas, em especial as mulheres da Comunidade Quilombola de Lagoa Grande, situada no Distrito de Maria Quitéria, em Feira de Santana (BA).

Considerando que a economia se ocupa também da análise da produção, distribuição e consumo de bens e serviços, há um objeto comum entre a Economia Capitalista e a Economia Solidária; contudo, o grande diferencial entre elas reside em seus princípios, bem como na centralidade do trabalho de educação realizado pela Economia Popular e Solidária. Conforme explica Singer (2001), enquanto o capitalismo parte da competição visando o lucro, a Economia Popular e Solidária se sustenta na cooperação e na solidariedade: "[...] A economia solidária não é uma forma de suavizar o capitalismo, mas um modo de produção e distribuição alternativo, fundado na igualdade de direitos e na soberania dos trabalhadores sobre os meios de produção e o próprio trabalho [...]" (Singer, 2001, p. 12).

Dessa forma, para os que não possuem meios para entrar na competitividade excludente do capitalismo – como é o caso dos trabalhadores de uma forma geral, dos precarizados, e de muitas mulheres no semiárido baiano – a Economia Popular e Solidária surge como "[...] reação para corrigir as carências que o sistema dominante se nega a atender [...]" (Singer, 2001, p. 105).

Nessa realidade, a experiência das mulheres quilombolas evidencia a intersecção entre gênero, raça e território como vetor de múltiplas opressões, ao mesmo tempo em que se converte em espaço fértil para práticas autogestionárias, tornando o associativismo e a promoção da autonomia econômica temas cruciais para o desenvolvimento individual, coletivo e comunitário. É nesse cenário de busca por autonomia que o projeto Cantinho da Roça se materializa no espaço universitário através da Cantina Solidária, localizada no Módulo VII da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Essa iniciativa ganha sustentação por meio das ações integradas de Ensino, Pesquisa e Extensão promovidas pela Incubadora de Iniciativas de Economia Popular e Solidária (IEPS-UEFS), Programa/Projeto de Pesquisa, Extensão e Diálogos diversos responsável pelo processo de seleção, acompanhamento e manutenção dessas iniciativas coletivas no *campus*. A Cantina Solidária deixa de ser um mero posto de comercialização e assume o papel de propulsora da autonomia feminina, visto que as mulheres produzem e conduzem suas atividades de modo autogerido, permitindo que seus conhecimentos e saberes ancestrais sejam valorizados e partilhados com a comunidade acadêmica.

Ao se organizarem coletivamente e ocuparem fisicamente o Módulo VII, as mulheres constroem espaços

cotidianos de diálogo, apoio mútuo e visibilidade política. Essa articulação com a Incubadora da UEFS contribui não apenas para a geração de renda e a manutenção de modos de vida tradicionais, mas reposiciona a Universidade pública como um território de acolhimento. Assim, promove-se um verdadeiro sentimento de pertencimento e participação democrática para sujeitos historicamente marginalizados, tensionando a lógica mercantil urbana ao fincar no coração da academia os saberes, a cultura e a resistência do semiárido baiano.

5 Considerações finais

As reflexões desenvolvidas ao longo desta pesquisa permitiram compreender que o Grupo Cantinho da Roça, em processo de incubação, ultrapassou a dimensão econômica calcada na comercialização de alimentos e passou a funcionar como articulador de um espaço social de múltiplas dimensões dentro do Módulo VII da Universidade Estadual de Feira de Santana. Os dados e informações coletados por meio dos questionários semiestruturados aplicados a frequentadores, integrantes do Grupo e representante da IEPS-UEFS, respondem de forma direta ao problema de pesquisa, especialmente em relação à produção de um espaço democrático e participativo no cotidiano universitário por meio das relações de cooperação, acolhimento, pertencimento e autonomia no funcionamento cotidiano da organização.

Os resultados articulados às discussões desenvolvidas revelam que os frequentadores percebem a Cantina não apenas como ponto de venda, mas como um espaço vivido, na medida em que se disponibilizam a produzir as relações sociais que nele se estabelecem circundando as diversas categorias de pessoas que frequentam o espaço.

O atendimento humanizado, a qualidade dos alimentos oriundos da Agricultura familiar e dos Quintais produtivos e a percepção de cooperação entre as trabalhadoras são os aspectos mais valorizados pelos consumidores, que identificam na Cantina Cantinho da Roça uma experiência distinta dos demais espaços de alimentação da universidade – e também de alguns outros fora dela. Essa percepção reforça a ideia de que o espaço ganha significado não apenas por sua localização física, mas pelas práticas, afetos e vínculos que nele se constroem cotidianamente.

Do ponto de vista interno, as integrantes do Grupo confirmaram a existência de uma organização horizontal e autogestionária marcada pela divisão coletiva de tarefas, pelo respeito às habilidades individuais e pelo processo decisório democrático. Esse modelo de organização aproxima a experiência da Cantinho da Roça dos princípios da Economia Popular e Solidária, especialmente no que se refere à cooperação, à solidariedade e à autonomia das trabalhadoras. A Cantina demonstra, na prática cotidiana, que é possível organizar o trabalho a partir de lógicas distintas daquelas impostas pelo mercado capitalista, valorizando o trabalho coletivo e a participação de cada integrante no processo produtivo.

A dimensão de gênero se mostrou central na análise. As mulheres, em especial as quilombolas que compõem o Cantinho da Roça, enfrentam historicamente múltiplas opressões decorrentes da intersecção entre gênero, raça e território, como aponta a discussão sobre as comunidades quilombolas no semiárido baiano. A Cantina, nesse sentido, representa muito mais do que uma fonte de trabalho e renda, configurando-se como um espaço de emancipação, protagonismo e resistência feminina dentro e fora da Universidade. Ao ocuparem fisicamente o Módulo VII e conduzirem suas atividades de forma autogerida, essas mulheres afirmam sua presença na vida universitária e fazem circular, no interior da academia, saberes, culturas e modos de vida provenientes de comunidades historicamente marginalizadas mediante o processo educativo de trabalho.

A articulação entre a Cantina e a Incubadora de Iniciativas de Economia Popular e Solidária (IEPS-UEFS) se mostrou fundamental para a sustentabilidade do Projeto, na medida em que oferece suporte institucional e conecta a experiência às dimensões de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade. Essa vinculação reposiciona a UEFS como um território de acolhimento e diálogo com sujeitos e comunidades que, historicamente, tiveram acesso restrito ao espaço acadêmico.

A pesquisa também revelou limites e desafios que merecem atenção. A questão da acessibilidade dos preços mostrou-se um ponto de tensão relevante, especialmente diante da realidade econômica de estudantes que necessitam de alimentação diária a baixo custo. Essa tensão é inerente a iniciativas populares que precisam, ao mesmo tempo, garantir a sustentabilidade econômica do trabalho realizado e ampliar o alcance social de suas iniciativas. Além disso, constatou-se que parte significativa dos frequentadores desconhece a vinculação da cantina à Economia Popular e Solidária, o que aponta para a necessidade de maior divulgação e fortalecimento da identidade social e institucional do Projeto no ambiente universitário.

Conclui-se, portanto, que a Cantina Cantinho da Roça representa uma experiência concreta de produção de espaços democráticos, participativos e solidários dentro da UEFS, e que as políticas públicas precisam avistar e fomentar grupos e/ou práticas dessa natureza, o que não tem acontecido com os grupos formados em processos de incubação. Ao articular alimentação, trabalho coletivo, autonomia feminina, saberes populares e pertencimento territorial, os grupos de mulheres contribuem para tornar o cotidiano universitário mais humano, cooperativo e representativo da relação universidade/

comunidade. Nesse sentido, o Grupo Cantinho da Roça, oriundo das comunidades de Vila Feliz e Auto dos Santos, é uma expressão viva da possibilidade de um espaço de resistência, autonomia e convivência que enriquece a Universidade ao trazer para dentro dela a força, a cultura e a organização coletiva de mulheres que, historicamente, foram invisibilizadas e/ou mantidas à margem dos processos sociais organizativos decisórios.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maristela Oliveira de. A feira de Campina Grande: tradição e identidade. **Revista Ciências da Sociedade,** Santarém, v. 4, n. 8, jul./dez. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.30810/rcs.v4i8.1382. Acesso em: 27 jun. 2026.

ARAÚJO, Alexandro Moura; RIBEIRO, Eduardo Magalhães. Feiras, feirantes e abastecimento: uma revisão da bibliografia brasileira sobre comercialização nas feiras livres. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, p. 561-583, out. 2018. Disponível em: https://doi.org/10.36920/esa-v26n3-4. Acesso em: 27 jun. 2026.

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo:** Antropologia e História do processo de formação quilombola. Bauru: Edusc, 2006.

BRASIL. **Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003.** Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em: 27 jun. 2026.

CANSANÇÃO, Andreza Soares da Cruz; DIAS, Juliana Michaello Macedo; MANDES JÚNIOR, Walcler de Lima. A feira livre como mola propulsora da segurança alimentar e nutricional. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales,** São José dos Pinhais, v. 17, n. 10, p. 1-22, 2024. DOI: 10.55905/revconv.17n.10-23. Disponível em: https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/11722/6922. Acesso em: 27 jun. 2026.

COSTA, Éder Dion de Paula; OPUSZKA, Paulo Ricardo. Economia solidária e empreendimentos populares: as potencialidades da organização do trabalho associado. *In*: LOBATO, Anderson Orestes Cavalcante; PIERRE, Philippe (Org.). **Direito, Justiça e Ambiente**: perspectivas franco-brasileiras. Rio Grande: Editora da FURG, 2013. p. 151-168.

GODOY, Tatiane Marina Pinto de. Economia solidária e território: produção de espaços democráticos e participativos. **Otra Economía**, São Leopoldo**,** v. 8, n. 15, p. 260-267, jul./dez. 2014. DOI: 10.4013/otra.2014.815.11. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/otraeconomia/article/view/otra.2014.815.11/4398. Acesso em: 27 jun. 2026.

LEITE, Márcia de Paula. A economia solidária e o trabalho associativo: teorias e realidades. **Revista Brasileira de Ciências Sociais,** São Paulo, v. 24, n. 69, p. 31-51, fev. 2009.Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0102-69092009000100003. Acesso em: 27 jun. 2026.

LIMA, José Raimundo Oliveira; CARVALHO, Wendell Jesus de. Intercooperação: princípio-chave para o fortalecimento do cooperativismo no Brasil. **Revista DCS**, Cajamarca, v. 23, n. 86, p. 1-14, 2026. Disponível em: https://doi.org/10.54899/dcs.v23i86.4084. Acesso em: 12 maio 2026.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.